



Universidade
de e para
Catadoras e Catadores

UNICATA NOTÍCIAS

FEITO POR E PARA CATADORAS E CATADORES

Edição 3/2025, São Paulo



Turma 5/2025 da UNICATA, em São Paulo – Foto: UNICATA

Nesta edição você conhecerá a história e exemplo de atuação de alguns **agentes multiplicadores de reciclagem** (pg. 2). Também descobrirá como a **COOPCASA inaugura um novo jeito de atuar** (pg. 5). Saberá mais sobre a **saúde invisível das catadoras e catadores** (pg. 8) e aprenderá sobre como funciona o **racismo ambiental na vivência das pessoas catadoras** (pg. 10). Com esse olhar, entenderá melhor o caso sobre a intoxicação por **metanol: não culpem quem não tem culpa** (pg. 12).

Além disso, conhecerá mais sobre a proposta controversa de **incineração** na cidade de São Paulo (pg. 14). Ainda, descobrirá como foi a **experiência dos catadores na COP 30** (pg. 17). Aprenderá duas receitas especiais: **bolinho de chuva da Cida Preta** (pg. 18) e **cuscuz paulista da Katita** (pg. 19). Por fim, verá o poema **“O que é ser catadora: do lixo ao luxo”** (pg. 20) e descobrirá **o que é gestão** para alguns catadores (pg. 22). A UNICATA espera que você goste do jornal! Boa leitura!

Organização: Isabella Vallin, Felipe Silva e Jutta Gutberlet
Edição e diagramação: Isabella de Carvalho Vallin



AGENTES MULTIPLICADORES DE RECICLAGEM

Por Adriano José Paulino, Edna Chaves, Sônia R. Sérgio e Zuleide Macedo

Orientação de Denis José Fumagali

Reciclar é muito mais do que apenas separar o lixo. É um gesto muito importante que protege a saúde, preserva o meio ambiente e transforma vidas. Nos bairros, nas ruas e nas comunidades, os agentes multiplicadores da reciclagem demonstram diariamente que pequenas atitudes geram grandes mudanças.

Quando o lixo é descartado de forma inadequada, ele se acumula em ruas, terrenos baldios e córregos, criando ambientes propícios à proliferação de ratos, insetos e doenças como dengue, leptospirose e infecções respiratórias. Além disso, a queima e o descarte irregular de plásticos, pilhas e equipamentos eletrônicos liberam substâncias tóxicas que contaminam o solo, a água e o ar, afetando diretamente a saúde da população.

Ao reciclar corretamente, reduzimos o volume de resíduos enviados aos aterros, diminuimos a poluição, preservamos os recursos naturais e garantimos cidades mais limpas e seguras. A reciclagem também protege os próprios trabalhadores da coleta, reduzindo acidentes com vidros, metais cortantes e materiais perigosos. Mais do que uma prática ambiental, reciclar é um verdadeiro ato de cuidado com a vida.

Nesse processo, os agentes multiplicadores de gestão ambiental desempenham um papel essencial. Nas comunidades, esses multiplicadores não atuam apenas com discursos, mas com o exemplo diário. São catadores, artesãos, voluntários e lideranças populares que orientam moradores, comerciantes e vizinhos sobre a importância da separação correta dos resíduos, da reutilização de materiais e da redução do desperdício. Eles funcionam como verdadeiras pontes entre a informação e a prática, fazendo da educação ambiental uma ação constante e presente no cotidiano.

A UNICATA reúne pessoas que fazem da reciclagem um verdadeiro compromisso com a vida. **Adriano José Paulino** iniciou sua trajetória em 2013, atuando como catador e multiplicador na região de Pinheiros. Com sua carroça, percorre as ruas orientando moradores e comerciantes sobre a separação correta dos materiais recicláveis, mostrando na prática que a reciclagem gera renda, dignidade e preservação ambiental.

Os agentes multiplicadores da reciclagem não dependem apenas de estruturas formais para transformar realidades. São pessoas comuns, movidas pela necessidade e pela solidariedade, que promovem mudanças profundas em seus territórios.



Edna Chaves, aos 63 anos, após 32 anos de trabalho no serviço público, aposentou-se em 2019. Durante sua transição para a aposentadoria, passou a acumular tecidos e materiais que seriam descartados. Foi se aproximando de artesãos, conheceu o grupo Caçadoras de Retalhos pelo Whatsapp (movimento feito por mulheres que recolhem no Brás, retalhos de tecidos e restos de aviamentos). Edna produz bonecas feitas à mão, panos de prato, turbantes e outros itens artesanais. Durante a pandemia, comprou uma máquina de costura e, de forma autodidata, aprendeu na prática, errando, tentando e persistindo. Hoje, além de produzir artesanato, Edna também doa os materiais excedentes para outras artesãs, promovendo renda, reaproveitamento e consciência ambiental. Para ela, transformar aquilo que seria lixo em arte é também uma forma de multiplicar esperança.

Abaixo segue as fotos do artesanato de Edna, que criou uma bandeja a partir de isopor, cartolina e tecido.



Foto: Arquivo pessoal de Edna Chaves



Foto: Arquivo pessoal de Zuleide Alves de Macedo

Outro exemplo inspirador é o de **Zuleide Alves de Macedo**, uma jovem senhora de 80 anos, presidente da Organização Não Governamental Fazendo Bem Para Todos. Nascida no Ceará, chegou a São Paulo ainda jovem, trazendo na bagagem coragem, vontade de estudar e espírito solidário. Criou seus filhos com dignidade e construiu uma vida marcada por muito trabalho e persistência. Aos 60 anos, decidiu transformar sua força pessoal em ação social e fundou a organização que atua há quase 20 anos.

Cadastrada no Programa Tampinha do Bem, Zuleide mobiliza voluntários de toda a cidade e região, com apoio da Associação Cristã de Moços de Osasco e da rede de colaboradores da organização, para a arrecadação de tampinhas plásticas. O material reciclado gera recursos para campanhas comunitárias e também beneficia outras instituições, como a Associação de Atendimento Multiprofissional e Ensino Especial Profissionalizante, dedicada ao atendimento de crianças e pessoas com síndrome de Down. Com gestos solidários e impacto real, Zuleide mostra que nunca é tarde para fazer a diferença. Instagram: @ongfazendobemparatodos



Outra experiência é a de **Sonia Regina**, catadora e agente ambiental por convicção. Nascida em São Paulo, casou-se jovem, construiu sua família e enfrentou diversas dificuldades ao longo da vida. Trabalhou como passadeira, diarista e vendedora ambulante. Sua entrada na reciclagem aconteceu a partir do exemplo do neto, que começou a juntar latinhas. A partir de então, Sonia iniciou sua trajetória como catadora e, por meio da UNICATA, compreendeu a verdadeira importância da reciclagem para o planeta, para a saúde e para a geração de renda.

Sonia sai diariamente às ruas para coletar papelão, garrafas PET, embalagens plásticas, vidro, ferro e outros materiais recicláveis. Além da coleta, atua como orientadora da população, ensinando moradores a separar corretamente os resíduos. Muitos comerciantes e moradores passaram a ligar diretamente para ela quando acumulam material reciclável. Sonia trabalha sem atravessadores, entregando diretamente aos compradores finais. Para ela, ser agente ambiental é contribuir para a economia reversa e permitir que os materiais retornem à cadeia produtiva. Seu maior desafio foi vencer o preconceito e a vergonha de mexer no lixo, mas hoje sente orgulho ao ser reconhecida e respeitada pelo seu trabalho.



Foto: Sonia Regina Sérgio

Esses exemplos revelam que cada morador orientado, cada família conscientizada e cada quilo de material reciclado representam mais saúde, mais dignidade e mais futuro. Cada pessoa que participa desse movimento contribui diretamente para a redução da poluição, a prevenção de doenças, a geração de trabalho e renda, a preservação da água, do solo e do ar, além do fortalecimento da economia solidária. Reciclar é transformar o lixo em oportunidade, dignidade e saúde. Cuidar do meio ambiente é, acima de tudo, cuidar das pessoas. Como diz a Sonia : *“Uma grama de exemplo vale mais que mil palavras”*. Ensinar a família, os vizinhos e a comunidade a reciclar é um dos caminhos mais simples e poderosos para transformar a realidade.



COOPCASA INAUGURA NOVO JEITO DE ATUAR

Por Lucas Assumpção, Ana Tércia, Paula Lima Vidal, Cesar Augusto de Souza e Ana Maria da S. de Oliveira

Orientação de Sônia Martinêz e Jorge Barros

Recém-nascida há pouco mais de um ano, a Cooperativa de Catadores Autônomos Socioambientais (COOPCASA) inaugurou um novo jeito de atuar no mercado de reciclagem. Diferentemente das cooperativas tradicionais, sua estrutura é inspirada no modelo chamado Arranjo Produtivo Local (APL). Em linhas gerais, trata-se de um sistema em que negócios afins se unem, principalmente na pequena e média produção, para ganhar escala e competitividade. Surgiu na Europa e se consolidou na Itália, nos anos 70, sendo difundido no Brasil pelo Sebrae.

Ajustado à realidade do catador autônomo, que geralmente não se identifica com o método de trabalho das cooperativas atuais, o modelo APL da COOPCASA acolhe e formaliza esse trabalhador mantendo-o em seu território e sua independência. Ao ingressar na cooperativa, cada catador passa a ser um Arranjo Produtivo Local, inspirado nos Decretos Federais 11.413/2023 e 11.414/23, sancionados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Esse novo jeito de operar o cooperativismo torna a gestão mais complexa, embora seja mais justo socialmente, já que insere o catador autônomo. Por ser um modelo diferente, a implantação de boas práticas ainda está em construção

Para avançar, a COOPCASA costuma buscar apoio de parceiros de várias áreas, através do princípio da Governança. O desafio é grande, mas seus cooperados seguem determinados na construção de um modelo de cooperativa forte e transformadora à luz dos decretos destacados acima.

Financeiro e Administrativo Juntos

A principal receita da COOPCASA advém da gestão de resíduos em eventos, seguida da venda de recicláveis. O departamento financeiro é de responsabilidade de um cooperado escolhido para a função e que conta com o apoio de um escritório de contabilidade externo. As decisões, porém, são tomadas em conjunto com o Conselho de Administração da cooperativa.

No caso dos eventos, cobra-se por serviços prestados e os cooperados recebem por dia trabalhado. A renda do material coletado, que não costuma ser significativa, ajuda na manutenção das despesas e agrega valor para os cooperados. Há dois meses, o gerenciamento financeiro foi automatizado, com a chegada da plataforma de gestão empresarial Reciclados, permitindo maior transparência e aperfeiçoamento.

Arranjo Produtivo Local (APL)

Atualmente, a COOPCASA conta com cinco APLs em São Paulo: Bixiga (centro), Jardim Angela (zona sul), Natureza Pura e Recanto Verde (zona norte) e Vila Matilde (zona leste). Um Arranjo Produtivo Local pode ser formado por uma ou mais pessoas, sendo cada unidade administrada pelo seu responsável, com o acompanhamento da COOPCASA.

A comercialização dos materiais é feita individualmente pelos APLs, o que reduz a renda do cooperado. A meta é, num futuro próximo, consolidar a produção e comercializar em escala diretamente com a indústria, eliminando os intermediários.

Periodicamente, os APL's alimentam a plataforma de gestão empresarial com informações sobre venda, tipo de material e peso. O alinhamento com seus responsáveis ocorre em reuniões semanais e mensais. Dessa forma, ajustes e novos direcionamentos são feitos rapidamente.



Foto: Arquivo COOPCASA.



Foto: Arquivo COOPCASA.

Serviços, Produtos e Oportunidades

O fluxo de trabalho é gerenciado pela direção da COOPCASA em conjunto com as unidades de Arranjo Produtivo Local (APL), principalmente no que se refere à gestão de resíduos em eventos, cujos trabalhos chegam por indicação e os cooperados são escalados em sistema de rodízio.

A COOPCASA busca investir em novos serviços e produtos para aumentar a receita e abrir novas possibilidades de remuneração para os catadores. Um novo foco de atuação, iniciado recentemente com a ajuda de parceiros, é o comércio de resíduo eletrônico. A ideia nessa frente de trabalho é que, além da comercialização, a COOPCASA desenvolva produtos a partir do reaproveitamento dos eletrônicos.



Parcerias Impulsionam Crescimento

A COOPCASA tem como estratégia estabelecer parcerias que possam contribuir para o seu crescimento. As alianças ocorrem em diversas áreas e podem ser pontuais ou não. O Pimp My Carroça, a Unicata e a JBarros Consultoria Socioambiental, por exemplo, acompanham a cooperativa desde a sua constituição.

Em 2025, parcerias relevantes foram estabelecidas. Dentre elas, com o Grupo de Ação Social (GAS), formado por estudantes do Insper; o Instituto GEA (Ética e Meio Ambiente), que capacita e estrutura cooperativas de catadores para atuação com o resíduo eletrônico; a Recicladados, plataforma de gestão empresarial que auxilia as cooperativas de reciclagem; e o Instituto Lixo Zero. Além desses apoios, a COOPCASA realiza articulações com o poder público e movimentos sociais.



Foto: Arquivo COOPCASA.



Foto: Arquivo COOPCASA.

O Impacto da Ausência de Gestão

A ausência de uma boa gestão pode comprometer uma organização em diversas áreas. A catadora Ana Maria sabe o que é estar em um ambiente de trabalho sem um gerenciamento adequado. Cooperada de um grupo localizado na Grande São Paulo, ela diz gostar do que faz e do local de trabalho. Porém, faz ressalvas quanto à gestão.

Para Ana Maria, a falta de uma administração eficiente impede, por exemplo, que sua cooperativa prospere financeiramente, o que afeta diretamente a renda dos cooperados. Para ela, as relações entre os trabalhadores também ficam comprometidas, podendo causar desmotivação, baixa produtividade e até comprometer a saúde mental.

Experiências como as vividas pela catadora Ana Maria reforçam a importância da boa gestão para que as organizações alcancem resultados positivos, ainda que alguns modelos de negócios possam ser mais complexos, como é o caso da COOPCASA.



A SAÚDE INVISÍVEL DAS CATADORAS E CATADORES: QUANDO O CUIDADO VIRA URGÊNCIA SOCIAL

Por **Pedro Luiz da Silva e Samantha Suely Alves Dias**

Orientação de Isabella de Carvalho Vallin

Nas ruas, vielas e cooperativas de todo o Brasil, a atividade de coleta e triagem de recicláveis garante a sustentabilidade urbana. Segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), mais de 800 mil catadoras e catadores atuam hoje no país e direcionam toneladas de resíduos ao ciclo produtivo da reciclagem, contribuindo para a redução da pressão sobre aterros e o meio ambiente.

Por trás dessa contribuição essencial, existe uma realidade silenciosa: a saúde desses trabalhadores está em risco todos os dias. O trabalho da catação envolve riscos que passam despercebidos à sociedade, mas são parte da rotina desses profissionais. Cortes profundos, provocados por vidros e metais misturados inadequadamente ao lixo domiciliar, estão entre os acidentes mais comuns e frequentes.

Além disso, há contusões e problemas na coluna resultantes do carregamento de peso excessivo. Também, queimaduras químicas e infecções podem surgir do contato com materiais contaminados. Há também exposição a riscos biológicos (sangue, fezes, restos de comida) e químicos (tintas, venenos, produtos de limpeza). Esses dados são reforçados por instituições como a Fundacentro, especializada na saúde do trabalhador.

A maior parte dos acidentes pode ser evitada com o uso correto de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como: luvas reforçadas, botas antiderrapantes, máscaras, óculos de proteção, protetores auriculares e roupas adequadas.



Foto: Site Segurança Total
<https://www.segurancatotal.com.br/produto/kit-epi-completo-protecao-trabalho-servicos-gerais-botina-oculos-protetor-luva.html>

Estudos da Fiocruz e da Fundacentro mostram que cooperativas que implementam rotinas de segurança reduzem acidentes em até 50% após adotar checklists diários de EPIs. Além disso, o treinamento adequado para manusear maquinários, como prensas e empilhadeira, faz diferença. Aulas práticas sobre manobra de Heimlich, atendimento a engasgos, uso correto de extintores e identificação de incêndios de classes A (sólidos), B (inflamáveis) e C (elétricos) podem salvar vidas.

Em uma das aulas do quarto módulo da UNICATA, que teve como tema a Gestão da Saúde e Segurança dos Catadores, o pró-catador Denis Fumagali junto do catador Lucas Assumpção, trouxeram treinamentos práticos de primeiros socorros e ações em caso de incêndio e uma de suas falas se destacou:

“A vida vale mais do que qualquer material. Segurança nunca é perda de tempo. Um simples hábito, como usar luvas ou conferir o extintor disponível, pode evitar sequelas graves”.

(Denis Fumagali)

Os alunos discutiram como a prevenção pode mudar a realidade das cooperativas e dos catadores autônomos que muitas vezes são marcadas pela informalidade e pela falta de apoio governamental.

Um dos aspectos que surge dessa discussão é o acesso a direitos e proteção social. Nesse sentido, o serviço social acaba tendo um papel fundamental no fortalecimento e difusão do acesso à saúde de catadoras e catadores.

O serviço social contribui diretamente para o acesso à informação, promovendo autonomia, consciência cidadã e empoderamento. Para os catadores, a presença do serviço social é essencial para orientar, acompanhar demandas relacionadas ao INSS, assegurar direitos como licença maternidade, afastamentos por doenças, benefícios e proteção social.

Além disso, o serviço social tem um papel importante na prevenção e promoção do autocuidado e saúde, alertando sobre os riscos ocupacionais e acidentes de trabalho, incentivando práticas seguras, orientando sobre normas e legislações que devem ser respeitadas. Também promove o acesso a estruturas e espaços de saúde, como postos e outros.

Prevenir acidentes não é só uma obrigação técnica, é um ato de respeito à vida e ao trabalho. Por isso, envolve também o papel do serviço social. De acordo com a assistente social Marta de Souza Silva:

“Em um setor onde tantos trabalhadores ainda vivem à margem, o Serviço Social transforma uma atividade de sobrevivência em uma profissão digna e essencial para a sustentabilidade do país.”



Foto: Facebook Assistente Social em Formação
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=513621940765406&set=a.513621907432076>

Assim, o papel do assistente social se destaca por ser importante também para a saúde e segurança do trabalho de catadoras e catadores, auxiliando a divulgar informações e a garantir os direitos sociais da categoria.



RACISMO AMBIENTAL NA VIVÊNCIA DAS PESSOAS CATADORAS

Por Antônio Ferreira do Nascimento, Dailson Estevão Vieira, Eduardo F. de Paula e Edson Cardoso

Orientação de Adriely Honório

O racismo ambiental é um fenômeno que atinge de forma direta a vida de milhares de catadoras e catadores no Brasil. Ele ocorre quando impactos ambientais — como acúmulo de lixo, enchentes, poluição, falta de saneamento e ausência de serviços públicos — afetam mais intensamente populações negras, pobres e periféricas. No contexto da catação, essas desigualdades aparecem tanto nos territórios onde vivem quanto na forma como a gestão dos resíduos é organizada pela cidade.

Além disso, outro elemento agrava essa realidade: a aporofobia, o preconceito contra pessoas pobres. Esse tipo de discriminação influencia políticas públicas, prioridades de investimento e o modo como a sociedade reconhece — ou não — o trabalho fundamental realizado pelas catadoras e catadores.

O termo racismo ambiental explica por que as comunidades mais vulneráveis são sempre as mais afetadas por problemas ambientais. Isso inclui lixo acumulado próximo às casas, falta de coleta seletiva, ausência de saneamento básico, poluição do ar e da água, despejo irregular de resíduos e maior risco de enchentes e deslizamentos. Esses problemas não são naturais: resultam de decisões de gestão pública sobre onde investir, quem proteger e quais territórios priorizar.

Para as catadoras e os catadores, isso significa viver e trabalhar em condições mais duras, mesmo realizando uma atividade essencial para a sustentabilidade das cidades e para o funcionamento da economia circular.

A aporofobia aprofunda essas desigualdades. Ela aparece quando moradores descartam lixo de qualquer jeito por acreditarem que “alguém vai pegar”, quando cooperativas deixam de receber apoio técnico, quando catadoras e catadores são confundidos com “sujeira”, quando serviços públicos demoram a chegar nas periferias e quando a profissão é desvalorizada, apesar de ser indispensável para a reciclagem.

Na turma da UNICATA, surgiram diversos exemplos que mostram como o racismo ambiental e aporofobia se manifestam no dia a dia das catadoras e catadores: descarte irregular concentrado nas periferias, destratos pela população em geral com falas violentas e humilhantes, longos percursos sem segurança ou iluminação, galpões sem estrutura adequada, enchentes que destroem materiais e equipamentos, e falta de acesso a políticas públicas que reconheçam a importância da categoria.



Foto: Youtube Record Cabo Verde
<https://www.youtube.com/watch?v=ZRCdunxM-kw>

A matéria “Eu tenho medo de chuva: desastre natural ou racismo ambiental?”, de Pâmela Carvalho, traz um relato que dialoga diretamente com as vivências dos catadores:

“Percebi que talvez os desastres naturais não sejam tão naturais assim.”

(Pâmela Carvalho — Revista Amarelo)

A autora mostra como enchentes, deslizamentos e perdas materiais atingem sempre as mesmas populações — as que já convivem com negligência da gestão pública. O medo da chuva, que muitas pessoas vivem, não é sobre a chuva em si, mas sobre a falta de investimento que faz com que ela se torne uma ameaça.

Esse é exatamente o cenário vivido por muitas catadoras e catadores. Entender essas desigualdades é fundamental para a gestão dos resíduos. Quando as periferias recebem menos investimento, toda a cadeia da reciclagem é afetada: há menor organização da coleta seletiva, maior contaminação dos materiais, redução da renda de quem trabalha com a catação e intensificação de problemas ambientais nos territórios vulneráveis.

Reconhecer o racismo ambiental é o primeiro passo para construir sistemas de reciclagem mais eficientes. Isso envolve melhorar a infraestrutura dos galpões, garantir condições dignas de trabalho, apoiar a formalização das catadoras e catadores e ampliar políticas que incluam catadoras e catadores nas decisões sobre a gestão dos resíduos da cidade.

As catadoras e catadores estão todos os dias na linha de frente da sustentabilidade — recolhendo materiais, educando moradores e reduzindo o impacto ambiental. Mesmo assim, seguem entre os mais afetados pela desigualdade ambiental e pela aporofobia.

Fortalecer o debate sobre racismo ambiental significa defender políticas públicas que garantam dignidade, segurança, reconhecimento profissional, participação política e condições adequadas de trabalho. Falar sobre racismo ambiental na catação é falar sobre direito à cidade, justiça social e sobre quem realmente mantém o planeta funcionando.

Esse debate começa dentro das comunidades e nos espaços formativos da UNICATA, e precisa seguir para as ruas, cooperativas e políticas públicas, para que a gestão da cidade seja construída com — e não sem — as pessoas catadoras. Para nós:

“O Catador é como a abelha, se um dia não existir mais a natureza morre”.



METANOL: NÃO CULPEM QUEM NÃO TEM CULPA!

Por Alexandre Domingos, Maria Ap. P. dos Santos, Simone R. de Sena, Kátia Maria Cornélio e Ruy Coelho Filho

Orientação de Nathalia Lima

Nos últimos meses, especialmente no segundo semestre de 2025, diversas reportagens alertaram para um grave problema de saúde pública no Brasil: a falsificação e a adulteração de bebidas alcoólicas, muitas vezes com substâncias altamente tóxicas como o metanol. Esses casos resultaram em mortes, internações e sequelas permanentes, como cegueira, gerando grande comoção social e mobilizando autoridades de saúde e segurança pública.

As notícias e investigações conduzidas por órgãos como a Polícia Civil, o Ministério Público e as vigilâncias sanitárias não apontam os catadores como autores do crime, nem os associam diretamente à adulteração das bebidas. O que foi destacado nas reportagens é que, diante da ausência de um sistema eficiente de logística reversa, garrafas e tampas acabam circulando livremente no mercado informal. Nesse contexto, os catadores vendem esses materiais a quem aparece para comprar, muitas vezes sem qualquer informação sobre o destino final das embalagens.

Ou seja, as reportagens indicam que a informalidade do sistema — e não a atuação dos catadores — cria condições para que organizações criminosas tenham acesso às garrafas. Isso não significa responsabilização dos catadores pelo crime, mas sim o reconhecimento de que um sistema desestruturado acaba permitindo que práticas ilegais ocorram. Transferir essa responsabilidade para trabalhadores em situação de vulnerabilidade social é injusto e distorce o problema real.

As investigações mostram que o núcleo do crime está nas chamadas “fábricas de fundo de quintal”, nos laboratórios clandestinos e nos intermediários que compram grandes volumes de garrafas, adulteram bebidas com substâncias como metanol, formaldeído e ácido fórmico, e as reintroduzem no mercado como produtos “originais”. Esses grupos se aproveitam da semelhança sensorial entre o álcool tóxico e o etanol para enganar consumidores, bares, restaurantes e distribuidores, usando rótulos e notas falsas.

O Código Penal brasileiro é claro ao tratar essa prática como crime contra a saúde pública (art. 272), prevendo penas severas para quem falsifica, adultera ou comercializa bebidas nocivas ao consumo humano. Portanto, a responsabilização legal recai sobre quem produz, financia, distribui e lucra com a adulteração, e não sobre quem coleta resíduos para sobreviver.



Foto: Instagram Coopmarmd



Pesquisas acadêmicas também têm contribuído para o debate. Estudos desenvolvidos pela Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, mostram que é possível identificar bebidas falsificadas pela análise de compostos orgânicos voláteis, criando uma espécie de “impressão digital” da bebida original. Esses estudos, reforçam que o enfrentamento do problema exige tecnologia, fiscalização e políticas públicas, e não a criminalização de trabalhadores da reciclagem, como os catadores.

Especialistas, representantes do setor de bebidas e autoridades têm defendido que a rastreabilidade das garrafas é uma das estratégias mais eficazes para combater a falsificação. Isso passa, necessariamente, pela implementação de sistemas de logística reversa, pela responsabilidade das empresas sobre suas embalagens e pela integração dos catadores em cooperativas e sistemas formais, com pagamento justo pelo serviço ambiental prestado.

Culpar os catadores significa ignorar que eles atuam justamente onde o Estado e o mercado falham. Sem contratos, sem informação e sem proteção, esses trabalhadores acabam expostos a riscos sociais e econômicos, enquanto criminosos organizados se beneficiam da desorganização do sistema. Fortalecer cooperativas, criar canais oficiais de comercialização de materiais e garantir renda digna são medidas que protegem a saúde pública, fortalecem a economia circular e reduzem crimes ambientais e sanitários.

Catadoras e catadores são agentes ambientais e climáticos, educadores populares e trabalhadores essenciais para as cidades. Sua atuação reduz a extração de matéria-prima, diminui emissões associadas à produção de novas embalagens e contribui diretamente para o enfrentamento das mudanças climáticas.

***Catadores não são parte do problema
— são parte da solução!***



Foto: Pablo Jacob/Divulgação/ Governo do Estado de São Paulo



INCINERADORES PODEM VIRAR BOMBA NO LIXO PAULISTA

**Por Luzia Honorato, Marcia Nascimento de Jesus, Maria Divina Freitas,
Marilene Dias de Araujo, Nanci D. Mesquita, Selma Aparecida Leite**

Orientação de Taynara Carvalho

Diga não à queima de resíduos! Defenda a reciclagem e a saúde da comunidade!

Companheiros e companheiras catadores de materiais recicláveis da cidade de São Paulo, a luta contra a incineração dos nossos resíduos é uma luta pela nossa saúde, pela nossa renda e pela justiça social e ambiental da nossa cidade.

A Prefeitura de São Paulo, por meio da SP Regula, órgão responsável pela gestão dos resíduos sólidos urbanos da cidade, tem avançado com a proposta de construir três grandes usinas de incineração, chamadas de Unidades de Recuperação Energética (UREs). Essas unidades serão instaladas nos bairros de Perus (Zona Noroeste), São Mateus (Zona Leste) e Santo Amaro (Zona Sul). Esses projetos fazem parte de um novo contrato de gestão de resíduos da Prefeitura que prevê a construção das unidades ao longo de 20 anos. No entanto, estão enfrentando forte oposição popular e questionamentos judiciais. Por exemplo, a URE de Perus, conhecida como “Bandeirantes”, já teve sua fase inicial suspensa por uma decisão da justiça que barrou a derrubada de árvores e a movimentação do terreno. A população precisa ser ouvida, pois essa é uma exigência de cidadania e justiça ambiental.

O Lucro de Poucos e a Conta de TODOS!

A incineração é apresentada como uma tecnologia “limpa” ou “moderna”, mas, na verdade, ela se mostra um retrocesso para São Paulo. Isso porque ela é um negócio muito caro que compromete o futuro da cidade.

As experiências mostram que os sistemas de incineração exigem contratos de longo prazo e investimentos muito altos em operação e manutenção. Para se manterem financeiramente viáveis, as usinas precisam receber grandes quantidades de lixo diariamente. Isso significa que a Prefeitura precisa garantir o lixo para as empresas, criando uma dependência da geração de resíduos e desestimulando, na prática, tudo o que é mais importante: a redução, a compostagem e a reciclagem. A incineração é, portanto, uma tecnologia que custa muito dinheiro e está pouco alinhada com a economia circular.



Foto: Mídia Guaranimbya



Ao direcionar recursos para esses incineradores que custam muito dinheiro, a verba que deveria ser usada para a coleta seletiva solidária, a compostagem e o apoio às cooperativas de catadores acaba diminuindo. A incineração pode comprometer por décadas o orçamento municipal.

A grande pergunta que fica é: **Se a incineração é mais cara, tem muito risco para a saúde e vai contra o que a lei prioriza, quem está realmente se beneficiando disso?**

Somos nós, catadores, e todos os cidadãos, que vamos pagar essa conta. O modelo escolhido pesa no bolso da população, pois o custo é maior para o contribuinte. Os investimentos muito altos para as usinas podem comprometer uma parte grande do orçamento destinado à gestão de resíduos.

Além disso, a escolha dos locais de instalação das UREs – Perus, São Mateus e Santo Amaro – é um ponto crítico. A incineração representa um risco ambiental e social para comunidades vulneráveis e áreas ecologicamente sensíveis da cidade. A instalação dessas unidades em bairros periféricos coloca em risco a saúde das comunidades próximas.

Outro problema é a falta de continuidade: a gente participa de uma audiência, fala, entrega proposta... e depois ninguém dá retorno. Parece que nossa presença é usada mais para mostrar diversidade do que para, de fato, influenciar decisões.

Risco direto a nossa saúde e ao nosso trabalho!

Para nós, catadores, a incineração é uma ameaça de morte ao nosso trabalho. Ao queimar materiais recicláveis, que são a garantia de sobrevivência de milhares de famílias, a incineração ameaça a nossa renda, enfraquece as cooperativas e reduz a participação dos catadores na gestão de resíduos.

Com a construção das UREs, os materiais recicláveis passam a ser destinados à queima, diminuindo a matéria-prima para a geração de renda dos catadores. Não podemos brincar com a saúde. A queima do lixo em altas temperaturas libera poluentes perigosos que são prejudiciais à saúde. A exposição contínua a incineradores está associada a doenças respiratórias, câncer e agravamento de doenças crônicas. Mesmo incineradores de última geração não eliminam completamente essas emissões, e o controle depende de filtros caros e fiscalização rigorosa.

A luta continua e temos apoio!

Nós, catadores, estamos em mobilização ativa contra a construção. Temos o apoio de estudiosos e instituições que confirmam os malefícios dessa prática.



Mobilização e Oposição: Movimentos de bairro, moradores, catadores e organizações socioambientais têm promovido audiências públicas e manifestações. Há também ações populares e denúncias junto ao Ministério Público do Estado de São Paulo.

Críticas Técnicas: Especialistas ouvidos por diferentes órgãos de controle alertam que os estudos que embasaram os projetos deixam de lado pontos essenciais, como os riscos para a saúde pública, os impactos ambientais e o efeito dessa tecnologia sobre a política de reciclagem da cidade.

Apoio Institucional: Pesquisadores e organizações socioambientais afirmam que as usinas colocam em risco a saúde das comunidades próximas e que a incineração é um retrocesso.

A incineração avança na contramão das políticas de resíduos estabelecidas na PNRS e na própria política municipal, que priorizam a redução, a reutilização, a reciclagem, a compostagem e a inclusão de catadores. A cidade possui condições e conhecimento para implementar sistemas realmente sustentáveis que geram mais emprego, reduzem emissões e promovem justiça ambiental.

A população tem o direito de participar das decisões sobre o futuro dos resíduos e de exigir que as políticas públicas respeitem a saúde, o meio ambiente e a dignidade dos trabalhadores.

A cidade precisa caminhar na direção da economia circular e não da queima de lixo!



Foto: A partir de Daniel Gimbel/ Unsplash



MINHA EXPERIÊNCIA NA COP 30

Por Nanci Darcolette Mesquita

A COP (Conferência das Partes) é uma reunião que acontece anualmente com os países que fazem parte da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). Esses países discutem e negociam ações contra o aquecimento global. A última COP aconteceu em novembro de 2025 em Belém, no Brasil.

Participar da COP 30 representou um marco na consolidação da incidência política dos catadores na agenda climática internacional. Estar em Belém significou, para mim e para nossa categoria, ocupar um espaço estratégico onde se definem rumos globais e onde o Brasil é chamado a apresentar soluções estruturantes para os desafios da economia circular.

A presença dos catadores na COP não foi apenas representativa. Foi essencial para reafirmar que a transição ecológica depende do reconhecimento do trabalho que realizamos diariamente, reduzindo emissões, preservando matérias primas e evitando que toneladas de resíduos cheguem aos aterros. A COP demonstrou que a política climática precisa dialogar com realidades concretas e incorporar trabalhadores que operam, na prática, mecanismos de mitigação ambiental.

“Não existe justiça climática sem justiça social.”

Ministra Marina Silva

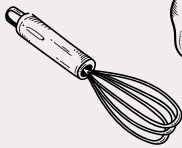
Avançamos em diálogos com governos, instituições internacionais e empresas, fortalecendo a defesa de instrumentos de financiamento climático que reconheçam o serviço ambiental prestado pelos catadores. Também reforçamos a necessidade de participação ativa da categoria nas decisões e na implementação das metas da Agenda 2030, especialmente aquelas relacionadas a cidades sustentáveis, redução de desigualdades e consumo e produção responsáveis.

Escrever este texto é reafirmar a convicção de que nossa presença em espaços como a COP não é eventual, mas parte de uma estratégia contínua de qualificação da incidência política. Tratamos de clima, mas tratamos também de direitos, inclusão produtiva, governança ambiental e justiça socioeconômica.

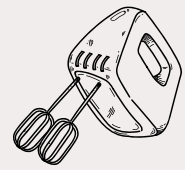
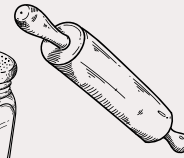
Seguimos comprometidos com a defesa de um modelo de economia circular que seja ambientalmente eficiente, socialmente justo e politicamente inclusivo. A COP 30 abriu caminhos. Agora é aprofundar, qualificar e avançar.



Foto: Arquivo pessoal de Nanci Darcolette Mesquita



RECEITA



BOLINHO DE CHUVA DA CIDA PRETA



Além do seu sorriso cativante, a Maria Aparecida, mais conhecida como Cida Preta, tem como marca registrada levar os seus bolinhos de chuva por onde passa. Não seria diferente na UNICATA, mesmo que tenha que acordar de madrugada para cozinhar, a Cida Preta não deixa de levar seus bolinhos em cada aula! Todos os alunos esperam ansiosos e preparam seus potes para levar para casa, por isso não sobra nenhum! Esse bolinho de chuva é muito especial, não só por ser delicioso, mas também porque é feito com amor e dedicação! Experimentem!

Essa receita rende de 200 a 300 bolinhos

Ingredientes

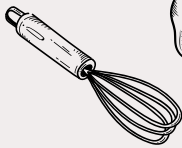
- 2 kg de farinha de trigo
- 700 g de açúcar
- 1 Colher de Margarina
- 1 Xícara de Fubá

Modo de preparo

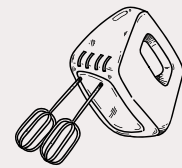
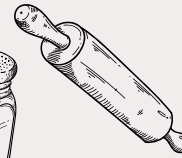
- Misture todos os ingredientes
- Deixe a massa descansar por meia hora
- Coloque o óleo para esquentar, tem que ficar bem quente
- Use uma colher pequena para moldar os bolinhos
- Separe a tigela ou um escorredor, forre com papel toalha
- Frite os bolinhos com cuidado
- Polvilhe com uma mistura de açúcar e canela em pó

Está pronto para servir!





RECEITA



CUSCUZ PAULISTA ECONÔMICO DA KATITA



A querida Katita sempre costuma levar o seu delicioso cuscuz para as aulas da UNICATA. Assim que chega, acaba em minutos, tamanho o seu sucesso. Tudo começou quando a Katita se comprometeu a fazer os cafés da turma, mas mesmo depois de deixar essa função, continuou levando o cuscuz para que pessoas que não podem comer glúten tivessem uma opção. Sua gentileza é exemplo de que comida é também afeto e cuidado! Aproveitem essa receita especial!

Ingredientes

- 1 xícara de farinha de cuscuz
- 2 colheres de óleo ou azeite (sopa)
- 1 cebola média picada
- 1/2 pimentão vermelho picado
- 1 lata de ervilha (opcional)
- 1 lata de milho (opcional)
- 1 lata de sardinha
- 2 colheres de salsa picada (sopa)
- 1/2 xícara de polpa de tomate
- 400ml de água
- 1 sachê Sazón ou tablete de caldo
- Azeitonas picadas (a gosto)
- 1 ovo cozido cortado em rodelas
- 1 tomate cortado em rodelas



Modo de preparo

- Em uma panela coloque o óleo e aqueça em fogo médio. Acrescente a cebola e o pimentão, refogue por cerca de 3 minutos ou até eles murcharem.
- Junte a sardinha, o milho, a salsa, a polpa de tomate, a água, o Sazón e deixe por 10 minutos ou até ferver.
- Coloque a farinha do cuscuz de uma vez só, mexendo até secar e desprender da panela.
- Retire do fogo, passe para uma forma redonda de fundo central, untada.
- Decore com os tomates em rodelas e com os ovos, após deixe amornar.
- Desenforme o cuscuz e sirva em seguida!

POEMA



O que é ser Catadora: Do Lixo ao Luxo

Por: Rozenir R. Souza (Aninha),
Maria Aparecida Rodrigues (Cida Preta),
Olinda P. da Silva,
Guiomar C. dos Santos
Zildir Nascimento

Orientação: Solange Dias de Araujo

**Catadores são profissionais essenciais,
Com méritos que transcendem os canais.
Pelo desenvolvimento sustentável atuam,
E as novas formas de viver insinuam.
Isto resume um papel que é fundamental ter,
Na gestão dos resíduos para crescer.
Na economia circular que se promove,
E a proteção do ambiente que se move.
Somos verdadeiros agentes que ninguém vê,
Da sustentabilidade para todos, para você!**

**Eu, Cida Preta, sinto alegria e tenho orgulho
Desta categoria, que vence o barulho.
Faço esse trabalho com amor e dedicação,
Pois ajudo a natureza em sua preservação.
É pela saúde, pela própria educação,
E, principalmente, pelo nosso planeta, esse mundo.
Meu sonho é que um dia todos entendam a lição,
Conscientizados para a futura geração.
Do lixo se tira uma rainha, uma estrela,
Cida Preta, a força que ninguém mais revela!**

**Por que sou catadora? É a vida que me acolheu!
Vivo bem com o luxo que a reciclagem me deu.
Conheço a natureza, ajudo-a a viver,
Sustentando a vida, fazendo-a florescer.
Saio de manhã e vejo o sol a raiar,
Os pássaros cantando, as crianças a brincar.
E eu, catando o material, para o mundo transformar.**



POEMA



Para mim é um orgulho esta contribuição,
Não só pelo ambiente, mas pela construção.
Conseguí erguer a casa, criar minhas filhas,
Apesar de lutas e longas trilhas.
Em toda essa jornada, sou feliz e completa,
Uma história real, é a vida concreta.

Ser catadora, na teoria, é formoso,
Mas a prática é dura, exige valor.
Seguimos, pensando num futuro grandioso,
Pois nosso legado ficará com amor.
Virão outras décadas, a história há de passar,
E o que fizemos, não irá se findar.
Eu amo o que faço, e não vou parar,
Quero catar, educar, até o meu fim chegar.
Companheiros, andemos em frente, aqui e agora,
Para trás, nem pensar! Não há mais o que chorar.

A sociedade, por vezes, só vê o descarte,
Mas a Catadora enxerga a mais rara arte.
É a peça de antiquário de valor inestimável,
O fio que vira vestido, belo e admirável.
É o quadro moderno, a obra de criação,
E é a vida dos ricos que vivem da reciclagem e destinação.
O luxo não é apenas o que brilha sem suor,
Mas o ciclo que retorna, o que se torna ainda melhor.
Essas mãos que separam o resíduo que está no chão,
São as que constroem um futuro mais fértil para a Nação.

O QUE É GESTÃO?

Nesta seção catadoras e catadores apresentam uma frase sobre o significado da gestão para eles. E para você? O que significa gestão?



Foto: UOL/ Pimp My Carroça

“Gestão para mim é fazer na prática!”

Sergio da Silva Bispo
Catador autônomo

“Gestão para mim é: planejamento, organização, resolver fluxo de conflitos, intermediar, organizar todo um trabalho em equipe. Eu acho que é isso! É prestação de contas e projetos! Tudo precisa ter uma organização e um planejamento”

Rozenir Sousa
Catadora autônoma

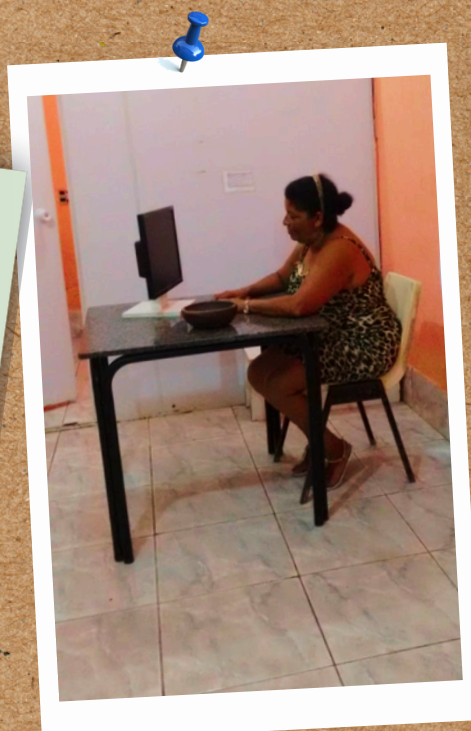


Foto: Rozenir Sousa

O QUE É GESTÃO?

“Gestão é um conjunto de ações para realizar bem as tarefas do trabalho”

**Adriano José Paulino
Catador Autônomo**



Foto: Isabella Vallin

“Gestão é ter uma boa administração das vendas. É saber lidar com os desafios de catar e trabalhar. Precisamos de preço bom para vender os materiais!”

**Antônio Ferreira do Nascimento
Catador Autônomo**



Foto: Antônio Ferreira do Nascimento

EDUCADORES DO MÓDULO 4



Alexandre Domingos



Angela Baeder



Denis Fumagali



Edna Chaves



Eduardo de Paula



Fabio Cardoso



Felipe da Silva



Guiomar dos Santos




Isabella Vallin



Jhoni Trajano



Jorge Barros

 A UNICATA agradece todo o empenho e dedicação das educadoras e educadores do módulo!

EDUCADORES DO MÓDULO 4



Lucas da Silva



Luzia Honorato



Maria A. Rodrigues



Nanci Mesquita



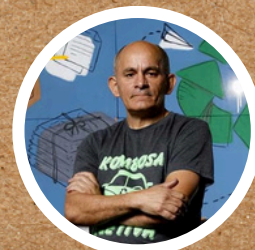
Nathalia Cano



Rozenir Souza



Samantha Dias



Sergio Bispo



Solange Araujo



Taynara Carvalho



Valquiria Candido



Muito
Obrigado!



**Universidade
de e para
Catadoras e Catadores**

✉ unicata.catadores@gmail.com
✉ www.unicatapiloto.blogspot.com
🌐 www.unicata.com.br
📷 [@unicata_brasil](https://www.instagram.com/unicata_brasil)
